

PENSANDO PRÁTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DE PAULO FREIRE: UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO(A) PROFESSOR(A)

Flávia Alves Bonsanto

Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins

Jéssica da Silva Galvão Maltoni

Raquel Rinco Dutra Pereira

Orientadora: Sandrelena da Silva Monteiro

Universidade Federal de Juiz de Fora

Introdução

Para pensar práticas educativas inclusivas na educação básica sob a ótica da cidadania e respeito à diversidade debruça-se nas reflexões de Paulo Freire, a fim de discutir a questão da Tomada de Consciência por parte do(a) docente.

Nesse sentido, apresenta-se esta Pesquisa Qualitativa, cujo desenvolvimento nasce das problematizações oriundas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Desenvolvimento e Integralidade Humana - GEPEDIH, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade - NEPED, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O objetivo principal deste trabalho é refletir a questão da Tomada de Consciência de Professores e Professoras da Educação Básica, acerca de suas práticas pedagógicas no que se refere ao respeito à diversidade dos(as) alunos(as).

Para tanto, fazemos as seguintes indagações:

Existe o movimento reflexivo sobre a diversidade por parte dos(as) docentes?

Há Tomada de Consciência em relação à necessidade de reflexão?

Pretende-se, através de entrevistas, provocar uma discussão com os(as) docentes referente à sua atuação consciente em sala de aula, respeitando seus alunos(as) como seres diversos, com identidade, pensantes, críticos e produtores de sua própria história.

A perspectiva Freiriana constitui a base desta pesquisa, tendo em vista sua relação democrática em busca de uma educação básica inclusiva e emancipadora.

Tomada de Consciência em Paulo Freire

As indagações do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Desenvolvimento e Integralidade Humana – GEPEDIH em torno de práticas inclusivas, cujas identidades dos(as) discentes sejam respeitadas e garantam o princípio da diversidade, repercutiram no movimento do estudo dos preceitos de Paulo Freire, a fim de compreender o conceito de Tomada de Consciência na prática docente.

Iluminando a questão, Freire nos diz que:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (1987, p. 94)

Mergulhados nas ideias de Paulo Freire entendemos que a educação se dá enquanto processo intencional, numa relação entre o educador(a) e o educando(a), na qual deve-se respeitar as condições genéticas, históricas, sociais, filosóficas e culturais de ambos.

Em “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” o autor esclarece que não há docência sem discência e que, portanto, precisa haver uma relação de respeito aos saberes e à autonomia dos(as) educandos(as), aceitação do novo, recusa a qualquer forma de discriminação, bom senso, humildade, curiosidade, esperança, consciência do inacabamento, disponibilidade para o diálogo, criticidade e reflexão crítica sobre a prática. (FREIRE, 1996).

E é a partir desta premissa que se constituiu esta pesquisa, da qual trazemos aqui os primeiros passos e que tem como objetivo geral refletir a questão da Tomada de Consciência de Professores e Professoras da Educação Básica, acerca de suas práticas pedagógicas no que se refere ao respeito à diversidade dos(as) alunos(as).

A equipe GEPEDIH traz algumas análises feitas a partir de entrevistas com professoras da Educação Básica, cujos encontros procuraram indagar se existe o movimento reflexivo sobre a diversidade por parte dos(as) docentes e se há Tomada de Consciência em relação à necessidade de reflexão.

Um dos objetivos esperados era encontrar indícios de uma Tomada de Consciência por parte das docentes sobre o respeito aos saberes e à autonomia dos(as) educandos(as), reconhecendo suas especificidades humanas, sua cultura e suas falas.

Analisando as entrevistas, foi possível perceber alguns pontos em comum entre as professoras convidadas, cujas práticas levavam em consideração as falas dos(as) educandos(as).

Entre os que mais se destacaram estão: a possibilidade de contribuições temáticas dos(as) alunos(as) para realização das aulas, experiências feitas a partir de sugestões dadas pelos(as) alunos(as) e o uso de produções artísticas e da sala de informática como recursos que despertam o interesse dos(as) discentes.

Diante da abertura ao diálogo e escuta dos(as) discentes reveladas pelas professoras em relação às suas turmas, verificamos indícios de práticas que incluem os(as) alunos(as) respeitando seus saberes, sem que haja a adoção de uma postura na qual eles sejam “meros” depositários de conhecimento. Há uma relação dialógica estabelecida.

Sob essa perspectiva Paulo Freire nos orienta que:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. (FREIRE, 1996, p. 136)

Visando contribuir com a discussão acerca da Tomada de Consciência das Professoras em relação ao respeito à diversidade na dinâmica da sala de aula, Becker (2012) aponta para a necessidade de o professor ter consciência sobre as variáveis presentes em suas aulas a fim de que seja capaz de se colocar na condição de investigador da própria prática (BECKER, 2012).

Cabe pontuar que, ainda há muito para pesquisar não apenas com os dados das entrevistas realizadas até aqui, mas, sobretudo, com as demais práticas que ainda não estão em estudo.

Metodologia

Com o intuito de iniciar a discussão acerca da Tomada de Consciência na Educação Básica, o grupo mobilizou-se para o estudo de algumas obras de Paulo Freire: "Pedagogia do Oprimido" (1987), "Política e Educação" (1993) e "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente" (1996), além das leituras de Bernadette Gatti "Formação

Continuada de Professores: A Questão Psicossocial” (2003) e "Ser Professor é ser pesquisador” (2010) de Fernando Becker.

Num segundo momento, a equipe entrevistou professoras da Educação Básica. Trata-se de duas profissionais da rede pública de ensino, sendo: uma dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de Juiz de Fora e a outra do Ensino Médio da rede estadual de Minas Gerais, visando uma aproximação com a prática.

Vale ressaltar que pretende-se expandir a amostra investigativa, a fim de ampliar o estudo desta temática e alcançar outros(as) docentes.

Para análise dos dados ora encontrados, utilizou-se a como aporte metodológico a proposta do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1987), o qual possibilitou a busca por indícios de que as docentes refletem e respeitam a autonomia e a diversidade dos(as) discentes em suas aulas, apontando para o movimento de Tomada de Consciência em relação à prática inclusiva.

Buscamos, também, fundamentação na concepção de professor pesquisador exposta por Becker (2012), da qual ressalta-se que a principal característica docente é contextualizar o que ensina por força de uma atividade investigativa e reflexiva da própria prática.

Discussão

No estudo por um entendimento acerca da Tomada de Consciência, a partir dos preceitos de Paulo Freire, identificamos o contexto da formação continuada, ou em suas palavras, permanente, como possibilidade do(a) docente compreender-se como ser inconcluso e incentivar a busca pelo conhecimento de si e do mundo.

Sobre esse contexto, Paulo Freire afirma que:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (FREIRE, 1993, p. 22-23).

Ao apreciar as entrevistas das professoras envolvidas na pesquisa até o momento, percebeu-se que um dos fatores fundamentais para a Tomada de Consciência refere-se à

necessidade da formação continuada, uma vez que as docentes lidam com as mais variadas culturas e situações que surgem dentro da sala de aula. A formação continuada aparece então, como uma forma de buscar aprimoramentos às práticas pedagógicas, contribuindo para atuação consciente e inclusiva no ambiente escolar.

De acordo com Bernadette Gatti (2003), esse pensamento “simplista” de que o aumento dos conhecimentos informativos adquiridos individualmente seria suficiente para modificar ou melhorar conceitos e práticas relacionados ao trabalho profissional “não dá conta da complexa dinâmica sociopsicológica envolvida nas relações entre conhecimento, valores, atitudes e ações”.

Nesse sentido, o acúmulo de conhecimentos somente fará diferença na prática pedagógica se esses aprendizados forem significativos para o(a) docente e o influenciarem a rever sua prática e renovar suas ações de forma a alcançar melhores resultados e, sobretudo, tendo a consciência de que seu trabalho garante um ambiente inclusivo e favorável à aprendizagem.

Conclusões

Diante das análises e discussões construídas a partir das leituras e dos dados ora coletados, vislumbramos que a Tomada de Consciência não se faz somente pelo acúmulo de conhecimentos por parte do(a) professor(a).

Compreendemos, com Paulo Freire, que a Tomada de Consciência de dá, principalmente, quando o(a) docente consegue aliar os conhecimentos à reflexão da própria prática em seu espaço de educar, a sala de aula.

Respeitar a diversidade que a sala de aula revela, ouvir os(as) alunos(as) em suas especificidades culturais, considerar as contribuições que os(as) discentes podem trazer à prática educativa e refletir sobre esta prática são caminhos potenciais para uma formação inclusiva do(a) docente e, uma consequente, tomada de consciência.

Dessa forma, defendemos a formação permanente, que nos dizeres de Fernando Becker constitui o entendimento do(a) professor(a) enquanto pesquisador(a), a fim de transpor o que Bernadetti Gatti nos apresenta como sendo um “pensamento simplista”.

Nossos estudos ainda estão em estágio inicial, mas pretendemos ampliar a discussão, bem como o número de entrevistados(as), pois acreditamos na necessidade permanente de ressignificar e pensar a prática e a formação.

Referências Bibliográficas

BECKER, Fernando. Ensino e pesquisa: qual a relação? In: BECKER, F.; MARQUES, T.B.I. (Orgs.) **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 11-20.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e Educação**. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 1993.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadette. **Formação Continuada De Professores: A Questão Psicossocial**. In: Cadernos de Pesquisa, n. 119, julho/ 2003, p. 197. Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a10>> Acesso em: 30/08/2018.

GINZBURG, C. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, C. Mito, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.